

OS "BOERS" TORTURARAM-ME COM CHOQUES ELÉCTRICOS

22/3/81

— disse à Informação Nacional um guerrilheiro da SWAPO que conseguiu fugir para Moçambique ^{Angolans/Namibians} in BA camp

«Fui torturado com choques eléctricos e facas pelos «boers» — estas são palavras de Salomon Moses, guerrilheiro da SWAPO, que tem 23 anos de idade e que conseguiu escapar à sanha assassina das forças racistas e minoritárias do regime de Pretória. Juntamente com Carlos Manuel, soldado das FAPLA, fugiu do campo de Phalaborwa, encontrando-se desde o passado dia 27 de Fevereiro em Moçambique.

«As duas pessoas foram apresentadas à Informação Nacional na noite de sexta-feira. No decorrer do encontro ficamos a saber aquilo que passaram durante o tempo em que estiveram aprisionados pelos «boers». Recorde-se que o regime racista de Pretória tem efectuado prisões no decorrer das suas agressões, na perspectiva de utilizar posteriormente os civis e eventualmente os militares para incursões reacçãoárias nos Estados vizinhos da África do Sul.

É Carlos Manuel, soldado das Tropas de Guarda Fronteiras da República Popular de Angola, com 20 anos, que ao relatar o que se passou consigo refere que foi feito prisioneiro pelas forças sul-africanas quando se encontrava a passar férias com a família em Cuamato, na Província do Cunene, no dia 12 de Março de 1980. «Fui levado sob prisão para uma base sul-africana situada no norte da Namíbia onde me puseram a fazer trabalhos pesados» disse referindo em seguida que era frequentemente agredido com chicotes. A 12 de Agosto do ano findo foi levado para um campo militar sul-africano do próximo de Durban. Neste local, que se chamava Ndagundugu, continuou a sofrer o mesmo tratamento, que se traduzia em tarefas pesadas e humilhantes, acompanhadas de pancadarias.

Um tal capitão Powell, que conforme disse Carlos Manuel era o comandante do campo, comportava-se tipicamente como um racista. Encontravam-se igualmente em Ndagundugu dois portugueses, de nome Miranda e Sousa, que comandavam os cerca de duzentos soldados da UNITA e da FNLA (dois agrupamentos reacçãoários que actuam na República Popular de Angola) que se encontravam no campo. A pergunta que visava saber se mantinha contacto com eles, o soldado das FAPLA disse que tinha medo de conversar com outras pessoas porque receava represálias. A 29 de Janeiro último foi transferido para Phalaborwa, de onde conseguiu fugir.

Salomon Moses foi feito prisioneiro pelas

forças invasoras da Namíbia em 10 de Dezembro de 1980, no decorrer de uma emboscada que os guerrilheiros da SWAPO montaram aos «boers». «Fui capturado no momento em que dava apoio a dois camaradas nossos que tinham sido feridos. Nesse momento não tinha a arma comigo» — disse Salomon Moses. Observou que foi levado para uma prisão, enquanto que os outros dois guerrilheiros da SWAPO foram transportados para um lugar desconhecido.

Ao relatar a sua passagem pela prisão «boer», disse que nos interrogatórios os sul-africanos queriam saber se ele era soldado da SWAPO, o local onde tinha sido treinado em Angola e onde se encontravam as bases da vanguarda namíbia em território da República Popular de Angola. «Eu dizia-lhes que as forças da SWAPO estão a actuar em território namíbio e que só vão a Angola para se reabastecerem», disse Salomon Moses, explicando em seguida que nas torturas feitas para o obrigar a falar os «boers» utilizaram choques eléctricos e

facas, tendo mostrado nos seus braços as marcas deixadas pela fúria dos agressores racistas.

«No dia 20 de Dezembro tiraram-me da cadeia e levaram-me num avião militar para Ndagundugu» — disse aquele guerrilheiro da SWAPO explicando em seguida que no dia 29 de Janeiro do corrente ano foi levado juntamente com Carlos Manuel e outros prisioneiros para Phalaborwa, com passagem por Pretória onde ficaram uma noite.

A resposta que visava saber se tinha recebido algum treino militar, disse que não tinha sido treinado nem recebido armamento. Numa outra passagem descreveu o material de guerra «boer» que viu nos campos por onde passou. Observou que estava muito contente por ter conseguido a liberdade. Sobre este aspecto explicou que fora Carlos Manuel que o convencera a fugir para Moçambique. «Eu não queria vir porque não sei falar português», mas o Carlos disse-me que daria apoio e então acabei por concordar» — disse.



Salomon Moses



Carlos Manuel